

//

NEGATIVLAND de Paulo Brighenti**20 de Janeiro a 06 de Março de 2010**

Baginski, Galeria / Projectos

Rua Capitão Leitão, 51-53 - Lisboa

www.baginski.com.pt

Temos muito gosto em apresentar *Negativland*, a primeira exposição individual de Paulo Brighenti nas novas instalações da Baginski, Galeria / Projectos. Ocupando o espaço da Sala 51, o artista apresenta um mural *site-specific*, as suas pinturas mais recentes da série *Negativland* e desenhos da série *Livro Black Mountain*.

O título desta exposição – *Negativland* – vem inspirado na banda com o mesmo nome, de origem californiana e criada no final dos anos 70, banda de música experimental.¹ Foi um dos grupos que nessa altura começaram a apropriar-se da criação de outros para comporem as suas músicas. Essa referência à experiência e colagem sonora desta banda acaba por ser o elo de ligação à própria vontade de experimentar do artista.

Interessante parece aqui a questão da colagem: Paulo Brighenti que nesta mostra apresenta as suas pinturas mais recentes, trabalha intensamente a cor como veículo de sentido. É através da cor e através de um trabalho meticuloso e paciente com ela, aplicando imagem sobre imagem, em infinitas camadas se for necessário, que os seus sujeitos e temas ganham vida. Esta colagem, quase sintética, da cor estabelece um contraste entre as pinturas de um lado, e o mural feito por ramos queimados e os desenhos a preto e branco nas outras paredes.

Todos conhecemos o ditado do filósofo chinês Confúcio (6 séc. a.C.) que diz que o caminho é o objectivo. O que faz todo o sentido no universo de Brighenti: aqui o processo é o verdadeiro trabalho, a pintura um resultado possível. É o que fica visível; o que fica escondido são todas as outras imagens por baixo da última que ficou ao de cima.

As imagens que vemos referem à flora e fauna de mundos exóticos. Parecem ambientes estranhos, saídos de um mundo de sonho. Na verdade, são ambientes artificiais, que o artista cria através de uma colagem livre de elementos vários, inspirados, entre outros, em postais vitorianos e invocando os desenhos alpinos de Albrecht Dürer.

O interesse do artista não está em apresentar-nos imagens de algo específico, mas em utilizar imagens específicas como veículo para criar ambientes híbridos e sugestivos. O nosso olhar é atraído pela forma da imagem, mas a nossa atenção prende-se rapidamente na contemplação da luz e profundidade que o artista cria através do trabalho minucioso com a cor. Dessa forma, o artista dissecas as fronteiras entre o visível e o invisível, construindo uma linguagem visual entre o poético e o real.

¹ O nome *Negativland* advém de uma canção da banda Neu!, banda alemã formada no início da década de 70 por dois dos músicos do conhecida grupo Kraftwerk. Não é a primeira vez que o artista cria ligações com o mundo da música no seu trabalho – relembramos aqui a exposição "Radiohead", desenvolvida em 2006 para a galeria Baginski, bem como as exposições "Diamond Sea" (Sonic Youth) ou "Is this desire?" (PJ Harvey).

Nota Biográfica:

Paulo Brighenti nasceu em Lisboa em 1969, onde vive e trabalha. Começou o seu percurso expositivo em meados dos anos 90, trabalhando a pintura, o desenho e a gravura.

Em 2002 ganhou o Prémio Revelação Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, e em 1997 o Prémio Amadeo de Sousa Cardoso.

Em 2009, participou no programa Art Algarve com dois murais *site-specific* no Centro Cultural de Lagos, com curadoria de Miguel Amado e esteve presente na exposição colectiva “Vestígio”, no Pavilhão 28 do Hospital Júlio de Matos, Lisboa. Apresentou as exposições individuais “Blackmountain” no Arquivo Histórico Municipal Vila Real de Santo António em Portugal, e “The Diamond Sea Project, Drawing Spaces” na Fábrica Braço de Prata, em Lisboa.

Em 2008, participou entre outros, com um mural *site-specific* na exposição e lançamento do projecto ATLAS PROJECTOS, na Fundação Carmona e Costa, Lisboa, e apresentou a exposição individual “Is this desire?” na Porta 33, Funchal.

Em 2007 participou na exposição “Transfert, obras na colecção do CAM” com curadoria de Leonor Nazaré, no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco, e na exposição “Rasura” no Projecto Avenida, Lisboa.

Destacamos ainda as suas participações em 2006 em exposições como o “European Art Prize da Sovereign Foundation” na Bonhams Gallery em Londres e em Praga; em 2005 as exposições “Espelho de Sereia” (com Rui Chafes) no CAV em Coimbra; em 2003 as exposições “Guardi – a arte da Memória” no Centro Cultural de Belém em Lisboa, e “Pegadas de Luz” no CGAC em Santiago de Compostela; e em 2000 a exposição “Os últimos dias” no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.